

NO MEU CANTO, CONTO E RECONTO MINHA HISTÓRIA: DIÁLOGO COM VELHOS E VELHAS QUE MORAM SOZINHOS

Noêmia Lima Silva*

Sayonara S. Santos**

Soraia Silva Santos***

Resumo. Trata-se de artigo que objetiva discutir e analisar formas de viver a velhice na sociedade atual, em condições de autonomia e independência. O artigo analisa o processo de envelhecimento e as condições relacionadas a essa etapa da vida sob uma perspectiva teórica, apresentando, em seguida, os resultados da pesquisa. De cunho qualitativo, a pesquisa envolveu dez pessoas idosas que integram o projeto UNATI/UFS, quando procurou ouvir o que pensam e sentem a respeito de suas situações atuais de viver sozinhas. Os dados analisados a partir da caracterização dos sujeitos revelam que a autonomia e independência relacionam-se com conhecimentos, motivação, capacidade de viver, que inclui a vontade de agir e que, por sua vez, leva a um comportamento

* Graduada em Serviço Social (UFS/SE), Mestre em Serviço Social-PUC/SP; Doutora em Educação/Inovação Pedagógica (UMA/PT), Gerontóloga pela SBGG; Prof.^a Adjunta do Dpt.o Serviço Social/UFS, Psicodramatista (FEBRAP), Coordenadora do Núcleo de Pesquisas e Ações da Terceira Idade (NUPATI e UNATI, UFS).

** Fisioterapeuta, Especialista em Gerontologia Social e Geriatria (UFS), Especialista em Fisioterapia Cardiorrespiratória (UFPE), Professora do Núcleo de Educação e Saúde (UFS), Mestranda em Saúde e Ambientes (UNIT).

*** Graduada em Direito/UFS; Especialização em Direito Público/Universidade do Sul de Santa Catarina, UNISUL, Brasil; Mestranda em Desenvolvimento Regional e Gestão de Empreendimentos Locais – DECOM/UFS, Analista Judiciária do TRE/BA; Membro Colaborador do NUPATI/UFS.

proativo. O exercício da autonomia relaciona-se com a saúde, a qualidade de vida e a independência financeira dos sujeitos pesquisados. Mostram, nas experiências descritas por eles, que a velhice não é apenas etapa de coroamento de uma vida, um fim em si mesma, mas é, também, poder recriar possibilidades de viver, no tempo atual.

Palavras-chave: Velhice. Autonomia. Independência. Liberdade. Viver sozinho.

IN MY CORNER, I TELL AND RETELL MY STORY: DIALOGUE WITH OLD MEN AND OLD WOMEN THAT LIVE ALONE

Abstract. This is an article aims to discuss and examine ways of living in old age, under the conditions of autonomy and independence in society today. Seeking to meet the proposed theme, seek at first theoretical information on aging, based on authors and scholars, contextualizing the Brazilian situation, a vision for the elderly, the process and its conditions related to this stage of human life, with concepts that guide the subject. The empirical research was conducted a qualitative field with 10 people as social subjects, which include the project UnATI-UFS, trying to hear what you think and feel, the people aged over 60 years and currently are living alone. The analyzed data from the characterization of the subjects revealed that the autonomy and independence relate to knowledge, motivation, ability to live, which includes the will to act, it takes a proactive behavior. The exercise of autonomy is related to health, quality of life and financial independence of the subjects studied. Show in the experiments described by them that old age is not only a crowning stage of life, an end in itself, but is also able at the present time, opportunities to recreate live.

Keywords: Aging. Autonomy. Independence. Freedom. Living alone.

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho procuramos deixar fluir a intuição, a liberdade e a criatividade nas expressões daqueles que foram ouvidos, e que contribuíram, com suas opiniões, para esta construção, sem, no entanto, desprezar certo rigor científico.

O mérito desta edição da *Revista Memorialidades*, que versa sobre “independência na velhice – saúde e autonomia de idosos que moram sozinhos”, é trazer para discussão um tema ainda pouco trabalhado, de extrema importância e repercussão no conviver com a velhice.

É sabido, ou melhor, é expresso de maneira corriqueira, que “os pais criam os filhos e filhas para o mundo, para a vida”, Porém, também já se tem formulado estudos, de cunho sociopsicológico e antropológico, que abordam a chamada “síndrome do ninho vazio”, ou seja, os sentimentos e sofrimentos de perdas e abandono manifestados por pessoas que, no decorrer da vida, experimentam mudanças e perdas. Por exemplo, quando os filhos crescem, se tornam adultos, casam, vão morar em outro estado, outro país, ou, então, quando resolvem construir o seu canto, sua casa, seu apartamento e morar sozinhos. Para o filho ou a filha, esta etapa significa uma conquista, a liberdade. Para os pais e, principalmente para a mãe, fica demonstrado haver um sentido de “perda”.

Outro exemplo que para muitos tem um sentido de perda, é a viuvez e a separação conjugal, no caso dos casais. São situações que, às vezes, levam também ao sentimento de solidão. Uma outra situação

é a vivenciada pelas pessoas chamadas comumente de solteirões e solteironas, que não chegaram a constituir sua própria família ou estabelecer uma moradia própria, e moraram a vida toda com os pais, até quando eles envelheceram e se foram. São situações complexas e delicadas, que exigem uma compreensão interdisciplinar

Deste modo, num enfoque gerontológico e de interdisciplinaridade, procuramos abordar a temática da autonomia e independência de idosos que moram sozinhos a partir de alguns aspectos teóricos conceituais como elementos fundantes, associando-os à escuta de idosos e idosas que moram sozinhos, a respeito do que pensam sobre autonomia e independência na sociedade atual.

Tomando como lócus o Núcleo de Pesquisas e Ações da Terceira Idade da Universidade Federal de Sergipe, e como sujeitos alguns alunos e alunas idosas que participam do programa Universidade Aberta à Terceira Idade, a escolha se deu pela facilidade de contato, uma vez que integramos esta equipe de trabalho. Foram ouvidas 10 pessoas, sendo seis mulheres e quatro homens. Para a coleta, foi elaborado, previamente, um roteiro que serviu de orientação para o diálogo, que ocorreu de maneira amistosa e colaborativa.

Todos os entrevistados têm, aparentemente, um bom nível de independência física e certa autonomia, conforme os conceitos abordados neste texto. Com os dados obtidos, foi possível traçar o perfil dos entrevistados e as opiniões específicas sobre as condições e os sentimentos do que é morar sozinho nessa etapa da

vida, analisando-os a partir de enfoques teóricos de diferentes autores.

A escuta sistematizada mostrou que a possibilidade de enfrentar uma nova situação, inclusive a própria solidão, poderá ser menos sofrida quando não ocorre de forma brusca, no caso de perda ou afastamento repentino de um ente querido, mas que toda e qualquer situação pode ser superada, a depender da preparação de cada um, do grau de amizade que os une, da capacidade emocional e das experiências vividas.

Viver sozinho pode se constituir em oportunidade que leve à redescoberta de que a vida pode ser reinventada. Essa reinvenção passa por percepções, passos novos, necessidade de reações e compreensão do vazio e da falta, para impulsionar uma nova forma de viver. E isso é possível pela capacidade de que é dotado o ser humano, independente da idade.

2 A VELHICE NO CONTRAPONTO DA INDEPENDÊNCIA E AUTONOMIA – UMA CONTEXTUALIZAÇÃO SOCIDEMOGRÁFICA

Para falar sobre a velhice na condição de independência e autonomia, é importante contextualizar o envelhecimento como processo na dinâmica populacional brasileira, cuja transição¹ é abordada

¹ O termo transição ajuda a entender os fenômenos e explica porque o crescimento da população mundial disparou nos últimos 200 anos, passando de 1 bilhão de habitantes, no ano 1800, a mais de 6 bilhões, na atualidade. Também descreve o período de transformação de uma sociedade pré-indus-

na ciência demográfica, que estuda as modificações que ocorrem, no tempo, em indicadores como natalidade, mortalidade e fecundidade. O processo se dá com a diminuição das taxas de mortalidade e natalidade (em ritmo desigual), causando aumento do crescimento vegetativo, de grande acréscimo populacional (KALACHE; VERAS; RAMOS, 1987).

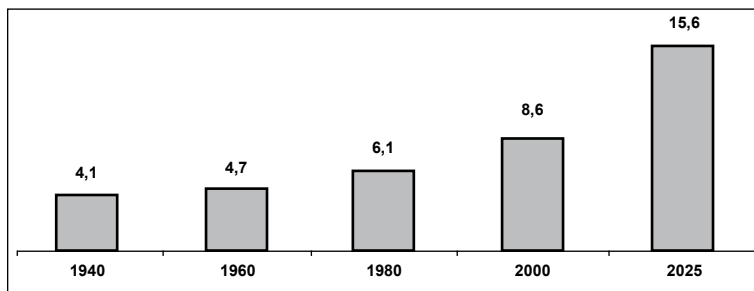
A realidade constatada através dos dados apresentados pela Organização das Nações Unidas (ONU) para o mundo, e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o Brasil, mostram que a população está envelhecendo².

trial, caracterizada por ter as taxas de natalidade e de mortalidade altas, para uma moderna ou pós-industrial, caracterizada por ter ambas com índices baixos (CARVALHO, 2004). O conceito de transição demográfica (Demographic Transition Model) foi proposto pelo demógrafo norte-americano Warren Thompson, em 1929, e significa a forma de estudar as modificações que ocorrem nas populações humanas, considerando que isso ocorre em quatro estágios. No primeiro estágio, ou pré-moderno, ocorre oscilação rápida da população, a depender de eventos naturais ou fatores da época: conflitos bélicos (guerras), secas prolongadas devido à falta de chuvas, crises, epidemias, baixas condições sanitárias etc. No segundo estágio, ou moderno, com a melhoria nas condições sanitárias e a evolução da medicina e da urbanização, há maior oferta de alimentos e conseqüente aumento da expectativa de vida. Em muitos países, a fase acompanha o início da revolução industrial. No terceiro estágio, ou industrial, tem-se a urbanização, o acesso aos métodos contraceptivos, melhoria na educação, aumento da participação da mulher na sociedade, a melhoria da renda. E no quarto estágio, ou pós-industrial, o índice de natalidade e mortalidade é baixo e as taxas de fecundidade ficam abaixo da taxa de reposição populacional.

² Nas previsões estatísticas no final do século passado, eram estimados 590 milhões de pessoas na faixa etária de 60 anos, ou mais, no mundo, atualmente, são 6,8 bilhões de habitantes, com uma projeção de que, vinte e cinco anos depois, será de 1 bilhão e 200 milhões, com a possibilidade de que em 2050 alcance dois bilhões de pessoas idosas. Pensar que em 1950 eram apenas 204 milhões de idosos no mundo vem mostrar que, nessa explosão demográfica,

Para ilustrar a evolução do crescimento populacional, apresentamos um gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (FIGURA 1):

FIGURA 1 – Gráfico da porcentagem de idosos na população brasileira de 1940 a 2000 e previsão para 2025



Fonte: IBGE, 2002.

Outro fenômeno observado mundialmente, e que também vem ocorrendo no Brasil, é o crescimento proporcional dos grupos etários mais elevados (maiores de 75 anos). De 1991 a 2000, observou-se que a população total de idosos cresceu 36,5%, enquanto o grupo de 75 anos ou mais cresceu 49,3%. A expectativa de vida varia na razão inversa da taxa de mortalidade. Assim, paralelamente ao decréscimo da mortalidade, ocorre uma elevação na expectativa de vida que está, conforme estimativa do IBGE (2010), em torno de 76 anos para os homens e 78 para as mulheres³.

um dos grupos populacionais que mais cresce é o da faixa etária acima de 60 anos, chegando a ser considerado o grande fenômeno social da atualidade.

³ Fazendo uma análise da situação brasileira, que teve o seu primeiro censo demográfico realizado em 1872, no que se refere ao fenômeno do envelhecimento.

Muitos caminhos terão que ser trilhados para o enfrentamento das demandas dos novos fenômenos sociais que são a “velhice e o envelhecimento populacional”. A situação atual mostra que o Brasil tem mais de 190 milhões de habitantes e, dentre estes, mais de 11% têm idade de 60 anos ou mais, com previsão de que, em 2025, esse segmento seja constituído por mais de 34 milhões de brasileiros.

De acordo com a conjugação de dados, verifica-se o declínio das taxas de fecundidade, a redução da mortalidade infantil, os avanços da ciência e da tecnologia, fatores que contribuíram de forma decisiva para as mudanças processadas na composição, por idade, da população brasileira, no que alguns especialistas chamam de transição epidemiológica, em que se observa maior controle sobre as doenças infectocontagiosas, o que diminui sua importância como principal causa de morte. Como resultado, o aumento da esperança de vida e o peso relativo dos idosos no total da população (CAMARANO, 2005).

Vale lembrar que, no processo de envelhecimento humano (que envolve as dimensões biológica, psicológica, social, cronológica e espiritual), algumas peculiaridades se destacam: 11% da população idosa apresenta idade de 80 ou mais anos e é considerado o segmento da população velha que mais cresce;

lhhecimento, convive-se, passo a passo, com a realidade de um país ainda considerado jovem. Todavia, a inversão da pirâmide populacional pega de surpresa toda uma estrutura socioeconômica e política que não está habilitada a atender às questões e demandas dessa faixa etária, mostrando, inclusive, fragilidades no atendimento das demais faixas de idade.

de acordo com as estimativas, em 2050, os grupos de 0 a 14 anos e os maiores de 18 anos, se igualarão em 18% da população total (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICO, 2007); na perspectiva de gênero e de acordo com o IBGE (2007), o Brasil tinha, em 2006, uma população de 187.228 milhões de pessoas, sendo 91.196 milhões de homens e 96.031 mulheres. Sem dúvida alguma, a população mais idosa será feminina. Em 2000, para cada grupo de 100 mulheres idosas, havia 81 homens idosos; em 2050 serão 76 idosos para cada grupo de 100 mulheres idosas (CAMARANO, 2006).

O crescente aumento de idosos no Brasil leva a enfatizar que esse processo, além de acelerado, se deu de forma heterogênea e com grande desigualdade social. Nesse sentido, os indicadores, como renda, gênero, situação econômica, educação, escolaridade, moradia, entre outros, devem ser levados em consideração na compreensão dessa realidade, ao discutir independência e autonomia do idoso que vive sozinho.

3 VELHICE, IDOSO, TERCEIRA IDADE: ALGUNS CONCEITOS E TERMINOLOGIAS

Muitos autores consideram a longevidade uma das conquistas da modernidade. Apesar disso, diversas conotações contraditórias e pejorativas são atribuídas ao homem ou mulher que envelhecem. Em decorrência, há uma grande dificuldade de aceitar a designação e de saber como devem ser chamadas e/ou apelidadas pessoas que estão nessa fase da vida.

A padronização do curso da vida é institucionalizada e pensada a partir da concepção individual, como pessoa que existe socialmente, de onde decorre um desdobramento de formas de identificação, definidas pelo sexo, ano, local de nascimento e filiação (BARROS, 2006).

Porém, é fato real, concreto e irreversível que o número de pessoas idosas no Brasil⁴ continua aumentando e, com ele, crescem as demandas próprias dessa faixa etária. Também em nível dos desafios brasileiros, as questões não são transcritas somente pelo aumento do número de pessoas idosas, mas, sim, pela situação socioeconômica delas, despontando características de um novo desenho da velhice brasileira.

Na visão de Neri (1999), envelhecer satisfatoriamente depende da relação entre as limitações e as potencialidades do indivíduo, cujo equilíbrio ajuda a lidar com diferentes graus de eficácia e com as perdas inevitáveis dessa etapa. Envelhecer não é, necessariamente, seguir caminhos traçados e, sim, construí-los. Daí a importância de pensar sobre esses aspectos para falar das questões de independência e

⁴ Ao falar sobre a velhice brasileira, é importante ressaltar que os estudos sobre esse tema ainda são, de certa forma, recentes, datando dos últimos 40 anos, período que demarca o aumento da população idosa. O Brasil foi classificado, por um bom tempo, como um país de jovens, o que levava a deixar as questões da velhice de lado pelas esferas públicas, sendo consideradas como problemas particularizados e de responsabilidade da família, a quem cabia cuidar dos seus velhos. Como questão social e de repercussão pública, a questão é recente e está ligada aos significados atribuídos à velhice pela sociedade, e a como se compreende as fases da vida. A sociedade moderna demarca etapas de vida dos cidadãos, cujos sentidos têm variações quanto às identidades culturais.

autonomia com velhos e velhas que vivem sozinhos.

Alguns estudiosos da geriatria CONSIDERAM, apontam como autonomia de uma pessoa a capacidade de realizar as atividades da vida diária (AVD), como pegar transporte sozinho, fazer compras, tomar banho, vestir-se, pentear os cabelos, ir ao banco, ir ao médico, dentre outras. A independência, na relação com a autonomia, caminha *pari-passu*. Autonomia quer dizer emancipação, alforria, liberdade. Autônomo é aquele que toma suas próprias decisões, sem interferências exteriores. O conceito de autonomia diz respeito ao exercício do autogovernar-se. Ter autonomia é ser responsável por si mesmo, ter a liberdade de tomar decisões e ter a sua privacidade respeitada. Este conceito também inclui o exercício da liberdade individual, de poder fazer escolhas livremente. O conceito de independência incorpora o autocuidado e a administração do dia a dia sem ajuda. O que leva à condição de dependência são as fragilidades, a exemplo das doenças múltiplas. De maneira simples, Sá (2006) explica que necessidade somada à incapacidade é igual a dependência.

Todavia, para considerar alguém independente e autônomo, deve-se levar em consideração as condições socioeconômicas de que dispõe a pessoa, pois não basta caminhar e realizar a higiene pessoal. Para que alguém possa sair, passear, ir às compras, ao banco, é preciso que tenha conquistado, nas outras fases da vida, uma independência financeira, a fim arcar com suas despesas e ser autônomo nas suas decisões. Na situação atual brasileira, com o sistema capitalista neoliberal, e o povo enfrentando tanta de-

sigualdade social, precariedade nos sistemas de saúde, educação, habitação, transporte, e outros, grande é o desafio de se chegar a uma velhice com independência e autonomia.

Para refletir sobre a velhice como coorte geracional, é importante trazer à superfície os significados construídos em torno do próprio conceito, com base em autores como Beauvoir (1990), Haddad (1986), Faleiros (2004), Debert (2004), Almeida (2003), Bruno (2003).

Embora a existência humana se constitua de fases indissociáveis, cujo sentido básico se estabelece e se fortalece desde o início desse existir, deve-se compreender que a pessoa envelhece desde o momento em que nasce. Mas a palavra velho sempre trouxe conotações negativas, principalmente levando-se em conta a relação com as possibilidades e habilidades de produzir. Da mesma forma, o termo velhice sinaliza a dificuldade que tem o indivíduo de aceitar a condição de ser velho ou velha, pois vive numa sociedade excludente, que reverencia o belo, o forte e o novo, e desvaloriza, tratando com descaso, aquele que atinge a faixa de idade mais avançada.

Estudos de Beauvoir (1970) mostram que a velhice, entre todas as realidades que nos desafiam, talvez seja aquela de que conservamos, por mais tempo, uma noção puramente abstrata. E talvez por isso ainda se tenha grandes dificuldades em desvendar mistérios sobre essa etapa e, por isso, a diversidade de interpretações e formas de compreendê-la. Assim, diz ela,

[...] para que a velhice não represente uma divisória

paródia de nossa existência anterior, só existe uma solução: continuar lutando por objetivos capazes de conferir um sentido às nossas existências tais como o devotamento a indivíduos, às coletividades ou coisas, o trabalho político, social, intelectual e criador (BEAUVOIR, 1970, p. 300).

Para a autora, a velhice é uma fase da existência diferente da juventude e da maturidade, porém dotada de um equilíbrio próprio, deixando aberta ao indivíduo uma ampla gama de possibilidades.

A velhice demarca transformações de caráter físico e emocional que são interdependentes e inerentes à vida humana. As mudanças, para alguns, ocorrem de forma tranquila, mas, na maioria das pessoas, elas são envolvidas por conflitos referentes à não aceitação da nova etapa, muitos deles decorrentes de fatores externos que reforçam a desvalorização, impedem a acessibilidade a direitos sociais básicos, até mesmo de sobrevivência. Ao impor muito cedo um estado de velhice aos seus indivíduos, as sociedades capitalistas anulam homens e mulheres que ainda detêm potenciais para pensar e agir, com isso interrompendo sonhos e desejos.

Em uma perspectiva individual, é importante lembrar que a pessoa poderá atravessar cada estágio da vida sem tormento, desde que não se deixe levar pelo medo, nem ser arrastado pela exclusão social. Envelhecer sem culpa é estar atento ao que acontece em sua própria volta; é não olhar para trás para ver o tempo que passou, mas, sim, direcionar seu olhar ao que está por vir, com uma percepção crítica da realidade (BADACHNE, 1998).

Outros estudos reforçam o enfoque de que a velhi-

ce conjuga em si fatores biológicos, sociais, existenciais e psicológicos. Contudo, ainda que esses fatores alcancem a todos, dependem do organismo e das condições de vida de cada um. Debert (1996) assinala que a condição de ser velho, de ser aposentado, de morar sozinho, remete as pessoas a dúvidas, medo, indagações. Além disso, o envelhecimento é uma etapa da vida que decorre de uma multiplicidade de experiências. A complexidade dos aspectos relacionados à velhice pode ser explicada pelo fato de ser esta uma fase condicionada a muitos fatores e, ainda, pelo pressuposto de que nenhum indivíduo passa por esta fase da vida de forma igual a outro, pois variam os determinantes do processo de cada um.

No que se refere ao aspecto cronológico e à designação de quem é o idoso, é importante ressaltar que à Organização Mundial de Saúde (OMS) demarca 65 anos para definí-lo em países desenvolvidos e 60 anos nos países em desenvolvimento, idade que é utilizada pela maioria dos países⁵. O critério cronológico é adotado na maioria das instituições que prestam serviços à pessoa idosa e em grande parte de estudos científicos, segundo Papaléo (2002), pela dificuldade, ainda, para definir a velhice a partir da idade biológica.

Na dimensão psicológica, o conceito de idade guarda semelhança com o da idade biológica, referindo-se à relação que existe entre idade cronológica e as capacidades de percepção, aprendizagem e memória, no processo comparativo entre indivíduos da

⁵ A Constituição Federal de 1988 e o Estatuto do Idoso/2003, no caso do Brasil, também adotam essa mesma classificação.

mesma idade (NERI, 2002; PAPALÉO, 2002).

Já a dimensão social é definida pela avaliação da capacidade de adequação do indivíduo ao desempenho de papéis e comportamentos esperados em contextos determinados. A velhice social se refere à diversidade e heterogeneidade de papéis que a pessoa desempenha nas trajetórias de vida, dependendo não só de sua autonomia pessoal, mas das condições e qualidade de vida a que teve acesso, em função das relações que estabeleceu ao longo da existência (FALEIROS, 2004). Na dimensão econômica, a velhice é considerada como a etapa da vida em que só se consome, sendo, inclusive, acusada como vilã dos cofres da saúde.

Já o termo “Terceira Idade”⁶ surge na França, por parte de alguns estudiosos, no final dos anos 1960, vinculado ao novo tempo do lazer e não mais associado à doença e decadência, como antes. Procura enfatizar uma nova divisão etária, um intervalo no curso da vida, tendo a conotação de realização pessoal, na universalização da aposentadoria, formando assim, uma categoria social, e objetiva romper com as expressões negativas relacionadas ao velho, visando

⁶ O termo “terceira idade” procura, dentro da visão cronológica que o caracteriza, não focar apenas a aposentadoria no conjunto das transformações ocorridas na sociedade. Ou seja, uma maneira de referenciar o envelhecimento e as questões da idade, encontrada em alguns autores, que aponta para o envelhecimento intelectual e o envelhecimento social. Explica que o envelhecimento intelectual, também designado de psicológico, não tem idade definida para acontecer, está relacionado com as mudanças temporais e adaptações às constantes transformações, conforme as características de cada indivíduo, e traduzida por alterações cognitivas, percebidas nas ações e nos comportamentos.

uma conotação mais positiva para essa fase da vida. No Brasil, alguns autores usam a mesma terminologia e significados dos franceses (DEBERT, 1996; NERI, 1999; PEIXOTO, 2000; FERRIGNO, 2005).

Em outra perspectiva, Debert (2004), citando Uglemberg e Johnson (1987), mostra que novos recortes na concepção da idade são feitos, englobando a categoria “velhos”: pré-idoso – de 55 a 64 anos; jovem idoso, de 65 a 74 anos; idoso, acima de 75 anos; idoso mais idoso, com mais de 85 anos.

As terminologias utilizadas para identificar a pessoa idosa, além da questão semântica, transportam conotações sociológicas, políticas, jurídicas, culturais, econômicas, e as representações sociais construídas interferem diretamente na identidade dessa pessoa, nos diversos espaços sociais, como família, escola, grupos, ambiente de trabalho e outros. As múltiplas terminologias possibilitam classificações não só de primeira, segunda e terceira idades, como de quarta e quinta idades.

Pensar numa velhice independente, autônoma e só, incita a outras tantas reflexões. Para que uma pessoa idosa passe a morar sozinha, isso deve demandar uma série de condicionantes que mostrem a tomada de decisão, se de ordem impositiva ou opcional. Muitos consideram que a solidão é cruel. Ela traz consigo o grito do desespero, o deixar-se largar no meio da roda à deriva. Cada pessoa pode ter uma reação quando decide ir morar sozinho ou sozinha. A vontade de abandonar tudo, pensam alguns; criar vida nova, distante dos convívios diários, pensam outros. A fuga é sempre uma boa opção e a mais fácil. Às vezes surge a tristeza. Entretanto, deve

ser vivida para ser superada. Nesses momentos, é muito importante deixar-se levar pelo sonho. Ele, embora pareça algo distante e às vezes impossível, é movimento, intenção que movimenta a busca de um caminho. Mas a solidão também pode representar momentos de reflexão. E morar sozinha (o) pode também denotar solidão.

Antenor Nascentes, em seu Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (1967), define “só” como o que está sem companhia, desacompanhado; isto não significa que a pessoa esteja necessariamente infeliz; ao passo que “solitário” traz a ideia de “abandonado de todos, reduzido à solidão” e, portanto, tem para muitos uma conotação negativa de tristeza. “Sozinho”, embora tenha basicamente o mesmo sentido de “só”, também pode significar “absolutamente só” e pode incluir ainda “um elemento afetivo que caracteriza a tristeza ou compaixão de quem está só”⁷.

Os problemas, as circunstâncias e as condições produzem efeitos diferentes em cada pessoa. Por exemplo, a solidão é um sentimento bem forte, que pode se tornar muito doloroso, provocar uma sensação de vazio, de isolamento, de estar fora do convívio com outras pessoas. Isto, para uns, para outros, não. Na sociedade atual, muitos convivem com a solidão. Ela atinge pessoas de todas as idades, raças, camadas sociais e crenças. Na verdade, às vezes todos nós sentimos a necessidade de companhia, de alguém para ouvir o que dizemos, para nos consolar; alguém que compreenda nossos sentimentos mais profundos, nossos pensamentos e que nos aceite como somos. Precisamos de

⁷ Dicionário de Sinônimos, de Antenor Nascentes, 1969.

alguém que seja sensível às nossas emoções. Mas, já dizia Picasso: “Não se pode fazer nada sem a solidão”. A solidão é algo interno, que se manifesta de dentro para fora. Como se nada pudesse interferir naquilo que ocorre dentro.

Como vimos, falar de independência e autonomia de velhos e velhas que moram ou pensam em morar só é um grande chamamento para profundas reflexões e análises que exigem abordagens interdisciplinares, como requer a complexidade da vida humana, sustentada nos pilares tempo e espaço.

4 SITUAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA DA VELHICE NO ESTADO DE SERGIPE

Dando uma pincelada na situação sociodemográfica do Estado de Sergipe⁸, de forma breve, a realidade mostra um aumento da população idosa nas últimas décadas, semelhante ao que ocorre com a sociedade brasileira, como um todo. As causas para esse aumento são as mesmas do crescimento nacional, e importa considerar alguns aspectos relativos às condições de vida no Estado: 89,44% da população moram em domicílios com abastecimento de água, mas somente 34,07% têm acesso à rede de esgoto; 78,70% têm acesso à coleta de lixo diariamente e 99,36% possuem iluminação elétrica. O índice de pobreza do Estado atinge 47,80% da população (INSTITUTO BRASI-

⁸ O estado de Sergipe conta com 75 municípios e tem uma população de 2.032.277 de pessoas; deste total, 8 % são idosos, ou seja, 16.290.115 pessoas estão na faixa etária acima de 60 anos (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010).

LEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2008).

Dentre as características da população idosa do Estado, estão: maior número de mulheres do que de homens, pois há mortalidade diferenciada entre os sexos (a mulher tem uma expectativa de vida maior que o homem); a maioria da população idosa está na faixa de 60 a 69 anos, considerada velhice jovem; o grupo de 75 anos ou mais é o que mais cresce; o maior número de idosos está concentrado na zona urbana. Todavia, a sua composição etária revela, ainda, características de uma população jovem e estreitamento na base da pirâmide. A qualidade de vida na velhice está diretamente relacionada às condições de vida de cada indivíduo em fases anteriores da vida, ao capital social e às definições de políticas sociais. Essas informações, ainda que não diretamente vinculadas ao segmento idoso, indicam a necessidade de atenção a essa faixa etária, face aos aspectos anteriormente elencados.

O envelhecimento da população tem entrado gradualmente na pauta das políticas sociais brasileiras. Na expressão de Kalache (2007), membro da OMS, lidar com o envelhecimento populacional é o mesmo que lidar com as desigualdades sociais existentes, constituindo-se, portanto, como um grande desafio. Crescimento de índice de envelhecimento em uma população total resulta em impactos na vida econômica, social e política de um país, de um estado. O desafio é grande e requer, sobretudo, compromisso e vontade política.

5 PESSOAS IDOSAS CONTAM E RECONTAM HISTÓRIAS NA PERSPECTIVA DE INDEPENDÊNCIA E AUTONOMIA VIVENDO SOZINHAS

Para melhor ilustrar os argumentos e fundamentos teóricos esboçados na primeira parte, foi de extrema importância conhecer as opiniões de pessoas que estão na fase da velhice e que, atualmente, moram sozinhas.

O Núcleo de Pesquisas e Ações da Terceira Idade da Universidade Federal de Sergipe foi o lócus escolhido, tendo como ouvintes alguns estudantes da terceira idade, matriculados no programa Universidade Aberta à Terceira Idade, e para a amostra foram selecionados idosos que morassem sozinhos e que demonstraram interesse de colaborar fornecendo as informações necessárias. A partir daí, foi formado um grupo de 10 entrevistados (6 mulheres e 4 homens), sendo o trabalho de campo realizado no período letivo de 2011- 2012.

Foi usado um roteiro de entrevista previamente elaborado, que orientou o diálogo, contendo perguntas fechadas e abertas. O diálogo ocorreu de maneira amistosa e cooperativa, e as informações obtidas mostram os seguintes traços: idade entre 61 e 69 anos; estado civil, três solteiros, três divorciados, quatro viúvos; todos oriundos de famílias numerosas, com uma média de 5 a 11 irmãos; no aspecto escolaridade, sete dos entrevistados possuem o nível médio completo, dois já concluíram o terceiro grau e um tem nível médio incompleto.

Como vimos, um dos dados de bastante importân-

cia é a vida que o idoso tinha antes de passar a viver só, haja vista que sete deles tiveram tempo de convivência e de relacionamentos, que são os casos de viuvez e de divórcio. E como ponto também relevante, o fato de que todos provêm de famílias grandes. Esses elementos podem tanto favorecer como ser um fator desfavorável para quem hoje está morando só. Podem, os que sempre tiveram convivência de casa cheia, sentir muita falta daquele convívio, como, também, podem querer experimentar momentos de silêncio e de liberdade.

Procurando saber há quanto tempo moram sós, temos: um, há 26 anos; três, moram sozinhos há 8 anos; dois, há mais de cinco anos; três, há cerca de quatro anos, e um tem apenas três meses que está vivendo só. Logo, quase todos já contam com certa experiência de morar sozinho, se considerado o fator tempo.

Já quando indagamos se morar sozinho foi por opção ou necessidade, as respostas mostram que a maioria (seis) foi por opção própria, três por necessidade e uma diz ser por falta de opção. É possível considerar que exista uma possível adaptação à situação. Somente uma que está vivendo sozinha há apenas três meses se mostrou muito triste, inclusive chorou durante a entrevista.

Alguns dos motivos citados para morar só foram assim descritos:

- Fiquei viúva aos 52 anos de idade, quando os filhos já estavam todos criados e em seus cantos. Aí decidi que não queria morar na casa de nenhum

deles e nem arranjar outro marido, pois já tive um e basta. Estou muito bem sozinha. No começo foi um pouco difícil, mas já me acostumei (M., 65 anos, 2011-2012).

– Nessa fase da vida, ficar no meu canto, sem ter quem incomode é muito bom. Por isso, quando me separei, não quis mais me unir pra morar com mais ninguém. Quero e tenho os meus paqueras, mas nada de ficar como antes, cuidando de homem (B., 63 anos, 2011-2012).

– Morando só, aproveito para fazer o que quero e o que gosto. Nem cobro e nem sou cobrado por ninguém. Estava cansado de tanta gente se metendo na minha vida, dizendo o que tenho ou não que fazer. Estou separado, tenho algumas amigas, saímos juntos e pronto. Procurei uma arrumadeira para cuidar da casa, das minhas roupas, e vou levando a vida (E., 67 anos, 2011-2012).

– Eu decidi porque gosto muito de ficar sozinha, no meu canto, no silêncio. Prometi a mim mesma que quando me aposentasse ia tomar essa decisão, e não estou arrependida. Vivo muito bem e em paz, fazendo minhas costuras, meus bordados. Coisas que não podia fazer depois que separei e fui morar na casa de uma das filhas (C., 62 anos, 2011-2012).

Dentre os depoimentos acima, percebemos que o sentido de tomar decisões, ir aonde quer, fazer o que tem vontade, e até de poder ficar só, refletem os conceitos de autonomia, independência, liberdade e de solidão, abordados pelos autores referidos anteriormente neste trabalho. As conotações de solidão aparecem num sentido positivo, de poder curtir o silêncio, os espaços, o tempo, sem marcação de cronômetro.

A questão de terem, a maiorias deles, vivido longo tempo de convivência e de relacionamentos, que são os casos de viuvez e de divórcio, aliado ao fato de originarem-se de famílias numerosas, possibilita o questionamento sobre a adaptação a esse novo momento, o de viver só.

Ao serem consultados sobre a rotina diária, apontaram nos relatos:

– Tomo conta de casa, costuro para algumas pessoas, para ajudar nas despesas. Vou para as aulas na UFS – que hoje tem sido muito mais que um lazer, e sim espaço de prazer, terapia... Foi lá que pude recomeçar de maneira diferente. É viver outra realidade, aprendendo... e não estar batendo ponto, como antes, no emprego (F., 62 anos, 2011-2012).

– Organizo minhas atividades da semana e vou fazendo as coisas, sem pressa. Vou para minha ginástica, quando volto, limpo meus passarinhos, coloco alimento, depois faço meu café. Se tem alguma coisa para fazer na rua, lá vou eu, sem pressa e sem cobranças (M., 66 anos, 2011-2012).

– Não tem momento nenhum até hoje ruim. Cuido dos animais, graças a Deus, não sou mal humorado – tenho momentos de tristeza, mas digo que não quero chorar, não devo chorar. Deixo-me levar por estes caminho e não vivo reclamando, parado no tempo (E., 67 anos, 2011-2012).

Quanto à indagação: – O que mais traz alegria em morar só?, uma das respostas é ilustrativa – É poder sair, encontrar com meus amigos e amigas, visitar outros que há muito não os via, sem ter que prestar contas a ninguém (B. 63 anos, 2011-2012), refletindo, assim, o conjunto das expressões.

Perguntando sobre “o que mais o entristece ou qual o pior momento”, a maioria dos depoimentos expressa o medo de doenças, retratado nas palavras: – O medo de ficar doente e não ter com quem contar ou a quem recorrer. Sei de vários casos que já aconteceram com pessoas conhecidas. Durante a narrativa, esta idosa, B (63 anos), contou um fato que ocorreu:

– Tive uma amiga que morreu, e só foi encontrada 3 dias depois de morta, sozinha no apartamento. Estava presa no cortinado. Parecia que estava tentando se agarrar em alguma coisa, na agonia da morte (2011-2012).

Mas, ela volta de imediato a reforçar:

– Mesmo assim, prefiro continuar morando sozinha. Claro que tomo minhas precauções como, por exemplo, deixo o telefone perto da cama, uma luz acesa, os números das pessoas amigas perto etc. (B, 63 anos, 2011-2012).

Outro depoimento:

– Só penso e me preocupo com um momento de doença. Hoje, por exemplo, ajudo 2 irmãs, que são doentes, uma está com 67 anos, e a outra está com 81 anos de idade. Eu sou solteira e elas são mais velhas que eu. Por isso fico imaginando: quando eu estiver na idade mais avançada, doente, quem vai cuidar de mim? Não existem vagas nos asilos, nos hospitais não querem receber os velhos doentes, alegando que não tem leitos, quando a gente sabe que é feita a seleção entre os mais novos e os velhos. Isso me apavora às vezes, porque o Estatuto está aí, mas não ga-

rante nada. Mas, faço questão de lembrar o que disse esse grande ator: A vida é um palco. Temos que nos apresentar bem, cantar, sorrir, brincar, fazer o bem, antes que a cortina se feche e não tenha mais ninguém para aplaudir como já dizia Charles Chaplin (H, 62 anos, 2011-2012).

Por fim, pedimos que expressassem, com apenas uma palavra, o significado de morar só na velhice.

A maioria (sete entre os dez) respondeu – liberdade. Dois disseram independência e apenas uma respondeu solidão e tristeza, que foi, justamente, a que está vivendo essa nova situação há apenas três meses.

Eles e elas, nos depoimentos, demonstram que nas fases anteriores de suas existências tiveram uma vida mais aprisionada, de restrição e repressão, ou pelas atribuições do dia a dia, no trabalho, em casa, ou pelos pais e/ou companheiros. Viver esse momento e desfrutar de tudo o que antes não conseguiram, poder ir e vir sem cobranças, pareceu ser um dos maiores desejos e conquista.

Alguns acrescentaram, porém, um aspecto muito importante para o exercício da independência e da autonomia, que é a necessária condição econômica. Alegam que o que os idosos mais necessitam ter são condições financeiras para arcar com a sobrevivência mínima, depois de tantos anos de serviços prestados em benefício da sociedade e da família. E esse é o principal entrave para viver com qualidade, liberdade e independência. E nós, as autoras, acrescentamos que tomar decisões e ser autônomo, é só mais um passo, se os demais estiverem resolvidos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das análises e reflexões, é possível inferir que o valor da experiência como fonte de saber e de conhecimento/sabedoria, apoiado nos avanços da ciência, trazem mecanismos facilitadores da vida humana. A idade, o aspecto cronológico, pode não ser o fator de intimidação para viver novas situações, novas experiências, sejam elas impostas, ou não. Mas para isso é preciso vencer as barreiras dos preconceitos geracionais.

Outro ponto a considerar é que a relação consigo mesmo e com o mundo faz descobrir meios de enfrentar novas situações, correr riscos, sejam eles opcionais ou circunstanciais, e seguir o caminho à frente. Assim, não se pode negar à pessoa idosa, a capacidade de criar, inventar e enfrentar situações novas, ainda que isto não seja exclusividade das pessoas velhas. Sobre a questão das condições de sobrevivência, reforçamos a necessidade de políticas sociais que possam garantir a vida com dignidade na velhice.

Esse novo conviver, que foi aqui abordado, permite uma revisão, antes impensável, do ocorrido em idades anteriores. Em vez de se isolar ou entrar em depressão, por ter sido o idoso um “eterno dependente”, buscar agir de uma forma nova, mesmo enfrentando condições adversas nos níveis biológico e social, decorrentes da idade. O sentido de liberdade contido nas opiniões mostra uma força que permite formas de agir e reagir, e não ficar vivendo de lamentações.

É importante, porém, reconhecer que cada um

tem um ritmo de vida, uma forma de agir, de se relacionar com os outros, com o mundo e que, se não houver uma vontade, um movimento interior, as forças externas o tornarão impotente, principalmente na fase da velhice.

Outro ponto que ressaltamos é que toda essa conquista, demonstrada nos depoimentos dos velhos e velhas de hoje, não se expressa apenas pela via do direito, mesmo estando escrita na legislação brasileira. As leis definem, mas não garantem. Trata-se de uma conquista de querer e poder agir e usufruir. Esse ponto marcante é enfatizado como uma necessidade para a melhoria das condições de sobrevivência das famílias brasileiras.

Pensar em reduzir o indivíduo apenas à sua idade é deixar de nele descobrir sua humanidade. É preciso não reduzir a situação a uma relação de causa e efeito focado no passado, mas buscar estabelecer relação com a velhice da atualidade, com um olhar que perceba o vazio, a falta, com os sentidos aguçados e que sejam capazes de reagir com atitudes que levem a descobrir formas de conviver e mostrar um novo velho humano.

Finalizando, apresentamos alguns lembretes importantes. Existem três coisas que não retornam: o tempo, as palavras, as oportunidades. Logo, devemos viver atentos para não perdê-los. E, duas coisas de grande valor que devem ser consideradas: o amor a si e o amor à família e ao próximo. Portanto, nossos sentidos e nossa intuição devem se manter vigilantes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, V. L. V. Modernidade e velhice. **Serviço Social & Sociedade**, [São Paulo?], ano 26, n. 75, p. 39-54, set. 2003. Especial.

B (63 anos). **Projeto de Pesquisa Idosos, morando sozinhos e retornando à sala de aula**: Programa Universidade Aberta à Terceira Idade: inédito. Aracajú, [2012-]. 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida a Noêmia Lima Silva, Sayonara S. Santos e Soraia Silva Santos, Aracajú, 2011-2012, para o Projeto de Pesquisa Idosos, morando sozinhos e retornando à sala de aula: Programa Universidade Aberta à Terceira Idade, Universidade Federal de Sergipe, 2012.

BARROS, Miriam Moraes Lins de. Envelhecimento, cultura e transformações sociais. In: PY, Ligia et al.(org.) **Tempo de envelhecer**: percurso e dimensões psicossociais. 2. ed. São Paulo: Holambra, 2006.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Tradução Maria Helena Franco Monteiro. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

_____. **A velhice**: a realidade incomoda. Tradução Maria Helena Franco Monteiro. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BODACHNE, Luiz. **Princípios básicos de Geriatria e Gerontologia**. Curitiba: Champagnat, 1998.

BOBBIO, N. **A era dos direitos**. Tradução Carlos Nelson Coutinho. 9. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Lei n.º 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. **Câmara dos Deputados**, Brasília, DF, [20--]. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1994/lei-8842-4-janeiro-1994-372578-norma-pl.html>>. Acesso em: Mar. 2012.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. n.º 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. **Presidência da República**, Brasília, DF, 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm>. Acesso em: Mar. 2012.

_____. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. **Presidência da República**, Brasília, DF, [20--]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: Fev. 2012.

BRUNO, M. R. P. Cidadania não tem idade. **Serviço Social & Sociedade**, [São Paulo?], ano 26, n. 75, p. 74-83, set. 2003. Especial.

C (62 anos). **Projeto de Pesquisa Idosos, morando sozinhos e retornando à sala de aula**: Programa Universidade Aberta à Terceira Idade: inédito. Aracajú, [2012-]. 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida a Noêmia Lima Silva, Sayonara S. Santos e Soraia Silva Santos, Aracajú, 2011-2012, para o Projeto de Pesquisa Idosos, morando sozinhos e retornando à sala de aula: Programa Universidade Aberta à Terceira Idade, Universidade Federal de Sergipe, 2012.

CAMARANO, A. **As características das instituições de longa permanência para idosos**: Região Centro-Oeste. Brasília, DF: IPEA: Presidência da República, 2008.

_____. **Características das instituições de longa permanência para idosos**: Região Norte. Brasília, DF: IPEA: Presidência da República, 2007.

_____. Mecanismo de proteção social para a população idosa brasileira. In: INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Texto para discussão n. 1179**. Rio de Janeiro: IPEA, 2006

_____. **Idosos brasileiros**: indicadores e condições de vida e de acompanhamento de política. Brasília, DF: Presidência da República: Subsecretaria de Direitos Humanos, 2005.

CARVALHO, J. A. M.; GARCIA, R. A. O envelhecimento da população brasileira: um enfoque demográfico. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 725-733, maio/jun. 2004

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice**: socialização e processo de privatização do desenvolvimento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 2004.

_____. **A reinvenção da velhice**: socialização e processo de privatização do desenvolvimento. São Paulo: Edusp: Fapesp, 1996.

E (67 anos). **Projeto de Pesquisa Idosos, morando sozinhos e retornando à sala de aula:** Programa Universidade Aberta à Terceira Idade: inédito. Aracajú, [2012-]. 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida a Noêmia Lima Silva, Sayonara S. Santos e Soraia Silva Santos, Aracajú, 2011-2012, para o Projeto de Pesquisa Idosos, morando sozinhos e retornando à sala de aula: Programa Universidade Aberta à Terceira Idade, Universidade Federal de Sergipe, 2012.

F (62 anos). **Projeto de Pesquisa Idosos, morando sozinhos e retornando à sala de aula:** Programa Universidade Aberta à Terceira Idade: inédito. Aracajú, [2012-]. 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida a Noêmia Lima Silva, Sayonara S. Santos e Soraia Silva Santos, Aracajú, 2011-2012, para o Projeto de Pesquisa Idosos, morando sozinhos e retornando à sala de aula: Programa Universidade Aberta à Terceira Idade, Universidade Federal de Sergipe, 2012.

H (62 anos). **Projeto de Pesquisa Idosos, morando sozinhos e retornando à sala de aula:** Programa Universidade Aberta à Terceira Idade: inédito. Aracajú, [2012-]. 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida a Noêmia Lima Silva, Sayonara S. Santos e Soraia Silva Santos, Aracajú, 2011-2012, para o Projeto de Pesquisa Idosos, morando sozinhos e retornando à sala de aula: Programa Universidade Aberta à Terceira Idade, Universidade Federal de Sergipe, 2012.

M (65 anos). **Projeto de Pesquisa Idosos, morando sozinhos e retornando à sala de aula:** Programa Universidade Aberta à Terceira Idade: inédito. Aracajú, [2012-]. 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida a Noêmia Lima Silva, Sayonara S. Santos e Soraia Silva Santos, Aracajú, 2011-2012, para o Projeto de Pesquisa Idosos, morando sozinhos e retornando à sala de aula: Programa Universidade Aberta à Terceira Idade, Universidade Federal de Sergipe, 2012.

M (66 anos). **Projeto de Pesquisa Idosos, morando sozinhos e retornando à sala de aula:** Programa Universidade Aberta à Terceira Idade: inédito. Aracajú, [2012-]. 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida a Noêmia Lima Silva, Sayonara S. Santos e Soraia Silva Santos, Aracajú, 2011-2012, para o Projeto de Pesquisa Idosos, morando sozinhos e retornando à sala de aula: Programa Universidade Aberta à Terceira Idade, Universidade Federal de Sergipe, 2012.

NASCENTES, A. **Dicionário de Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1967.

FALEIROS, V. de P. Natureza e desenvolvimento das políticas sociais no Brasil. In: CEFSS; ABEPSS. **Capacitação em Serviço Social e Política Social.** Brasília, DF: UnB: CEAD, 2004. (Módulo 3).

FERRIGNO, J. C. Co-educação entre gerações. Petropolis: Vozes, São Paulo: SESC, 2005

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

_____. **Pedagogia dos sonhos possíveis.** São Paulo: Editora UNESP, 2001.

HADDAD, E. G. de M. **A ideologia da velhice**. São Paulo: Cortez, 1986.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Sinótese do Censo Demográfico** – 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

_____, **Síntese dos Indicadores Sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

_____, **Contagem da população 2007**. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

KALACHE, A. **Programa de Envelhecimento e Ciclo de Vida**. Brasília, DF: OMS, 2007.

KALACHE, A.; VERAS, R. P.; RAMOS, L. R. O envelhecimento da população mundial: um desafio novo. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 21, n. 3, p.200-210, jun. 1987.

NERI, A. L. **Idoso no Brasil**: vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Editora Perseu Abramo: Edições SESC-SP, 2007.

_____. Teorias do envelhecimento. In: FREITAS, E. V. de et al. (org.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A, 2002.

_____; DEBERT, G. G. (org.). **Velhice e sociedade**. Campinas: Papirus, 1999.

PAPALÉO, N. M. Estudo da velhice no Séc. XX: história, definição do campo e termos básicos. In: _____. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

PEIXOTO, C. E. (org.). **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA. CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO; UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. **Relatório Técnico 2008**. Aracajú, [200-]. (Universidade aberta à terceira idade: o perfil socioeconômico dos idosos).

SÁ, J. L. M. de. Educação e envelhecimento. In: PY, L. et al. (org.). **Tempo de envelhecer**: percurso e dimensões psicossociais. 2. ed. São Paulo: Holambra, 2006.

SILVA, Noemia L. (org.) **Gerontologia**: engenharia inovadora no aprendizado sobre o envelhecimento. São Cristóvão: Editora UFS, 2009.

_____. (org.) **Gerontologia Social**: a práxis no envelhecimento. Aracajú: Gráfica Editora J. Andrade, 2005.

_____. CRUZ, M.^a H. S.; BARRETO, L. da S. (org.). **Estudo social dos impactos das ações de proteção social básica na vida dos idosos inseridos nas atividades dos centros de convivência dos idosos**. Aracajú: SEMASC, 2008.

VERAS, R. A longevidade da população: desafios e conquistas. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, ano XXIV, n. 75, 2003.

Recebido em junho de 2012.

Aprovado em novembro de 2012.